

VOL. VIII - Nº 10 - 2023

ISSN 2676-0398



kapiiuara

NESTA EDIÇÃO:

ALBERTO G. BIANCHI
ARAGUÁI GARCIA
CLEBER J. FALQUETE
ELMA E. BASSAN MENDES
EUEDES QUINTINO JR.
ISABEL P. HERNANDES
JOÃO ROBERTO SAES
JOSÉ LUIZ B. JACOB
LÉZIO JUNIOR
LORENI F. GUTIERREZ
MARIA HELENA CURTI
PATRÍCIA REIS BUZZINI
PAULO CESAR NAOUN
PÉRSIO L. MARCONI
ROSALIE GALLO
SAMIR FELÍCIO BARÇA
WADNER LUI
WILSON DAHER

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

Sobre uma amiga
Rosaura Soligo

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTES

Fernanda Bellicieri
Entre o corpo e o texto

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

A poesia de
Sidnei Olivio

E_xpediente

Copyright © by Editora In House, 2023

Elaboração da ficha catalográfica **Editoração e acabamento**
Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário) Editora In House

Revisão gramatical
Pérsio L. Marconi
Rosalie Gallo Y Sanches

Imagens e fotos
www.freepik.com
Acervos históricos

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Kapiiuara [recurso eletrônico]. – v.4, n.6 (2020-). – São José do Rio Preto: Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC), 2020-1 recurso digital : il.

Periodicidade semestral.
Disponível apenas online.

1. Contos brasileiros – Periódicos. 2. Prosa brasileira – Periódicos.
3. Cultura – Periódicos. 4. Literatura brasileira – Periódicos.
I. Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

P20-010

CDD – B869.05

Publicação semestral
on-line da

**ARLEC -
Academia Rio-pretense
de Letras e Cultura**

Fundada em 31/07/2008

Endereço:

Av. Anísio Haddad, 6751

Jd. Francisco Fernandes

CEP 15.090-305

São José do Rio Preto/SP

CNPJ (MF), nº 10.671.587/0001-14

E-mail: arlecriopreto@gmail.com

Site: www.arlec.com.br

Siga-nos nas redes sociais.

Jornalista responsável: **Cecília Demian - MTB 39.119**

Projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Edição: **Editora In House 11 99903-7599**



“Verba Volant, Scripta Manent”
(As palavras voam, mas
permanecem quando escritas)

Presidente

João Roberto Saes

1º. Vice-Presidente

Eudes Quintino de Oliveira Júnior

2º. Vice-Presidente

Alberto Gabriel Bianchi

1º. Secretário

Pérsio Luís Marconi

2ª. Secretária

Elma Eneida Bassan Mendes

1ª. Tesoureira

Loreni Fernandes Gutierrez

2º. Tesoureiro

Antonio Florido

Diretora Cultural

Rosalie Gallo Y Sanches

Diretora de Patrimônio

Patrícia Reis Buzzini

Diretor de Relações Públicas

Waldner J. Lui

Conselho Fiscal:

Norma Villar

Jocelino Soares

Vera Márcia P. Milanesi

Conselho Editorial:

Eudes Quintino de Oliveira Junior

Pérsio L. Marconi

Rosalie Gallo Y Sanches



Troféu Arlequina, idealizado e realizado pela artista plástica e Acadêmica Norma Vilar, em homenagem ao Acadêmico Sérgio Vicente Motta, criador da Arlequina, capivarinha mascote da entidade e da revista que leva seu nome no original tupi-guarani, *Kapiiuara*. O nome Arlequina deriva da sigla ARLEC (Academia Rio-pretense de Letras e Cultura), criação também do saudoso Acadêmico Sérgio. O Troféu será entregue em julho de 2023 – mês de aniversário de 15 anos da entidade – ao 1º colocado no Concurso de Crônicas “Prof. Sérgio Vicente Motta”, a ser realizado anualmente pela entidade. A cada edição do Concurso a artista oferecerá o Troféu ao 1º colocado.

S umário

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

ROSAURA SOLIGO

Sobre uma amiga 5

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

A poesia de SIDNEI OLIVIO 8

maquinaria 8

rito das galáxias 9

Simetria do nunca 9

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

FERNANDA BELLICIERI 10

Pole Art: entre o corpo e o texto

Fernanda Bellicieri por ela mesma 11

ALBERTO GABRIEL BIANCHI

Dia dos Pais 12

ROSALIE GALLO Y SANCHES

Sobre Letras e Livros 14

PÉRSIO L. MARCONI

Silêncio, não espante os peixes 16

EUDES QUINTINO DE OLIVEIRA JUNIOR

O estrangeiro 18

LORENI FERNANDES GUTIERREZ

Meu pai José 20

PATRICIA REIS BUZZINI

Além das palavras:
mulheres na poesia minimalista 22

LORENI FERNANDES GUTIERREZ

Um homem sob as estrelas 23

JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB

Desigualdade, Soberba e a
Perda do Espírito 24

CLEBER JUNIO FALQUETE

Ventos delicados de Vermeer 26

ISABEL PIMENTA HERNANDES

Relações humanas: uma visão pessimista... 28

ELMA ENEIDA BASSAN MENDES

Respirar fraquezas 30

WILSON DAHER

Memória afetiva 32

WALDNER LUI

Vitrines de Nostalgia 34

PAULO CESAR NAOUN

Smartphone: o lado sombrio
da tecnologia 38

SAMIR FELÍCIO BARCHA

Planeta Terra ou Planeta Água? 38

MARIA HELENA CURTI

Sobre Maria Helena Curti 40

PREMIAÇÕES ACADÊMICAS

Prêmio Nosside 41

Rosalie Gallo

Projeto "Cartas ao Imperador" 42

Lézio Junior 44

Eudes Quintino

Quisera ser poeta 45

JOÃO ROBERTO SÁES

Jornalismo sério 46

PONTO FINAL

Conselho Editorial 47

RELAÇÃO DE INTEGRANTES DA ARLEC

Julho/21 48



E ditorial

Loucura? Sonho?

Tudo é loucura ou sonho no começo.

Nada do que o homem fez no mundo

teve início de outra maneira –

mas tantos sonhos se realizaram

que não temos o direito de duvidar de nenhum.

Monteiro Lobato

Chegou janeiro, outro ano, outra fase. **Kapiiuara** está nostálgica e filosófica. A questão que aflige a humanidade desde os primórdios mostra-se presente nesta edição. Qual será o nosso destino?

Não existe resposta científica para isso. Apenas a fé, que nos move e leva adiante na caminhada de todos nós aqui neste orbe.

Pensemos em quem já partiu e as marcas que deixaram, como em *Meu pai José*, de Loreni; na *Memória afetiva* de tudo o que já vivemos, de Daher; na saudade da infância tão querida pelas *Vitrines de nostalgia*, de Waldner Lui; seguidos por dias difíceis e passemos a *Respirar fraquezas*, como bem escreveu Elma Eneida; clamemos por fé, como no texto de Quintino, *O Estrangeiro*; comemoremos o *Dia dos Pais*, com Bianchi e voltemos aos desejos de infância, aos questionamento e aos livros em *Sobre letras e livros*, de Gallo.

Momentos introspectivos. Mas há também poesia. Vamos poetizar com Buzinni, Gutierrez e Sidnei Olivio. Apreciar a arte do Pole Dance com a campeã mundial Bellicieri, as aquarelas de Curti e *Os ventos delicados de Vermeer*, por Falquete. Prestigiar o encontro de duas artes: a prosa de Soligo com arte de Araguaí.

Mas se quiser rir um pouco, leia a crônica de Marconi: *Silêncio, não espante o peixe!* – *Amazing*, parodiando o autor.

Planeta Terra ou Planeta Água? Pergunta Barcha preocupando-se com o futuro do homem. Já Naoun comenta sobre *O lado sombrio do smartphone* – todo cuidado é pouco.

Jacob e Hernandez refletem sobre relações humanas e suas consequências. Enfim, há muito que ler nesta edição.

Ah... quase esqueci! Tem novas seções em *Kapiiuara*: **ACADÊMICOS PREMIADOS** com o reconhecimento da ARLEC aos feitos de seus membros e...

...nada como um **PONTO FINAL** ao término de cada edição. Escrito pelo Conselho Editorial da revista, que sempre refletirá sobre o atual momento da Academia e seus objetivos.

Kapiiuara segue avante. Dez edições. Não é para qualquer academia. Afinal, *Um país é feito de homens e livros* (Lobato) e *Tudo vale a pena se a alma não é pequena* (Pessoa). Vida longa e próspera para a nossa revista predileta!

Márcio Martelli

Escritor e editor / Membro da Academia Jundiense de Letras



Prosa

Sobre uma amiga: Rosaura Soligo

Araguaí Garcia

Cadeira 04

Rosaura Soligo é uma daquelas pessoas que conheci, por morar na mesma cidade pequena, Fernandópolis, e termos amigos em comum. Nunca saberei ao certo como e quando nos conhecemos. Era uma garota bonita, estilosa e, acima de tudo, antenada.

Tive a sorte de cair de paraquedas na mesma sala de aula dela, e ainda entrar para a mesma equipe de trabalho. Seus escritos me chamavam à atenção. Ela e as meninas da classe escreviam cartas. Um para as outras. Tinha tal intimidade com as palavras, que eu já sabia que não era pra qualquer um. Tornamo-nos bons amigos.

Ela sempre foi uma referência de comportamento e uma amiga protetora. Até que um dia convidou-me para ilustrar seus textos. Eram 50 textos de puro encantamento, e colocou meu nome ao lado do seu, com a mesma importância, na autoria do livro “Des/Amorosas”. Obra que resultou neste reencontro. Havíamos nos distanciado por um longo período, mas a tecnologia nos colocou em contato novamente. O livro é um sucesso de crítica e de vendas.

Até hoje admiro-me com a sua capacidade de usar as letras e alegrei-me muitíssimo com o seu sim, quando a convidei para a Prosa, em nome da ARLEC, para nos presentear com alguns dos seus incríveis textos nesta edição da Revista Kapiiuara.

Deleitamo-nos, pois. É o que faço com seus textos permanentes em minha mesa de cabeceira. Leio, releio e me encanto.



Foto: divulgação





PALINHA

Era pessoa estranha, que portava duvidanças. Não tinha fé na felicidade, aquela em estado sólido, por sabê-la uma invenção gasosa pendurada na aba do chapéu a seguir invariavelmente adiante no mesmo compasso. Mas colecionava momentos felizes de infinita quantidade que moravam em canteiros flutuantes no quintal de sua memória. Dizia que é de momentos assim que a alegria de viver se alimenta. Não usava relógios de pulso, achava-os perversos, desornados, mas sabia o quanto o tempo pulsa, implacável, na vida escorrendo pelos tardares. Não tinha ouro nenhum, mas conhecia de longe seu poder de virar céus e terras e mundos e fundos e escolhas também. Não compreendia por que as pessoas se mostravam em fantasias e não em retratos. Imaginava que as telas coloridas escondiam, quase sempre, desamparo e solidão. Trazia em si as misérias do mundo, porém elas quase nunca ofuscaram seus canteiros flutuantes. Talvez porque ambicionasse possíveis ou porque, um a um, os fizessem acontecer. Não sabemos.



DE QUE SÃO FEITAS?

O cavaleiro encantado que ela nem esperava àquela altura da vida chegou trêmulo pela escada com um sorriso sem fim. Tinha uma canção escondida na camisa e, à flor da pele, os desejos mais antigos. Também ela, emocionada, sorria. E trazia na sacola um piquenique inteiro embrulhado nos sonhos de mocinha. O que ali aconteceu foi tão forte e singular que ainda é possível sentir.

Mas, passados os anos, bem poucos no final das contas, nem ele, nem ela, nem eles vibram mais na mesma emoção. Tudo aquilo já não é. Passou. A paixão passou. A exaltação passou. O arrebatamento passou. E quando anda por lá, indo ou vindo ou lembrando apenas, o coração dela se aquece e a razão lhe pergunta: de que substância, afinal, são feitas as paixões que vêm e vão deixando saudade apenas?



NUNCA HOUVE PARA SEMPRE

Naquele lugar os anos tinham tempos diferentes para cada um e começavam a qualquer hora, bastando para isso que um inédito relevante acontecesse. Por isso todos trabalhavam muito para produzir novos possíveis e garantir um ano novo. Mas como para inventar inéditos há que se ter valentia e espírito de aventura, havia adultos com mais de quinhentos anos e outros com dois ou três anos apenas. Ali os anos não envelheciam as pessoas; ao contrário. Filhos e livros eram criações mais comuns, contudo alguns preferiam ter somente netinhos e escrever miudezas adensadas em post its, e outros se dedicavam a inventos tipo lunices, farnalhas, crinumias, carlatúrias, bromentos e esperílias. Era preciso relevância social, entretanto. Inutilidades tolas, mesmo que de boa procedência e aparentemente razoáveis tinham efeito inverso e não funcionavam como passaporte para um tempo de recomeço. Nunca houve para sempre por lá.

No começo da pandemia, talvez por conta dela, minha amiga Rosaura Soligo ligou-me. Sua ideia era editar um livro com alguns dos seus inúmeros textos. Perguntou se eu conhecia algum desenhista que ilustrasse. Como estávamos no começo do confinamento. Eu praticamente pedi para fazê-lo. Isso foi uma alegria pois faríamos algo juntos. Assim foi. No livro, Des/Amorosas, consta meu nome, honrosamente, como sendo coautor. Li e reli os textos. Refleti e rabisquei por uns 4 meses.

Os textos mereciam uma linguagem compatível.

Passado esse período, os 50 desenhos foram brotando, rapidamente, um a um depois de vários ensaios individuais. Na verdade, fiz 51 deles por um dos poemas ser mais abrangente. Portanto, há um desenho, incrível, que ficou oculto. Mas está esperando por um poema que seja seu.





Poesia

Academia convida para

A poesia de Sidnei Olivio

Patrícia Reis Buzzini

Cadeira 02

Em algum momento entre a graduação e a pós-graduação, lembro-me de ter visto SIDNEI OLIVIO pelos corredores adelgaçados da UNESP de São José do Rio Preto. Por distração, talvez, tenha descoberto o seu nome tão tarde, mais especificamente, em meados de 2014, quando comecei a escrever sobre literatura no jornal Diário da Região. Desde então, acompanho o trabalho desse poeta e amigo com enorme expectativa e admiração, dando-me ao luxo de contar com algumas obras autografadas, entre elas: “A visão poética do abismo” (2018) e “Poesia é um lugar que não se revela” (2021), as quais costumo reler de tempos em tempos.

Biólogo circunstancial e poeta por convicção, Olivio já comprovou que está preparado para cuidar de seu jardim (onde, segundo ele, pastam ideias e formigas) cultivando as mais belas e elaboradas flores, resilientes à tirania do tempo. Mestre na arte de ocultar para deixar ver, maneja versos com sutileza criando “imagens insignes e invertidas, profusas em suas facetas fantasiosas”. Atualmente, dedica-se à escrita e ao estudo da palavra em tempo integral, sempre atento às inúmeras possibilidades que a poesia nos oferece. Por fim, deixo o restante da apresentação para os leitores, pois sabemos que a linguagem poética resiste a qualquer tentativa (supostamente) minuciosa de explicação.

maquinaria

Sidnei Olivio

1
sentidos apurados
na forja móvel do mundo
explodem
num êxtase silencioso.
obsessivo desejo
de se permitir diferente
que só aos bardos
é dado ouvir
o crepitar dos versos
em aço.

2
sonoro é o fogo
em cada chama
um sussurro
entre a palavra dura e o assombro.
não há como fugir
da tensão entre os polos
fino efeito
que não se quebra em fio.

3
a mudez da imagem
feito pergunta
(: o traço das cicatrizes?)
viver é copiar o instante
com a delicadeza da borboleta
sobre a flor.



Foto: divulgação

rito das galáxias

Sidnei Olivio

noite morta
no ar um cheiro branco
trança a cortina do quarto

silêncios alternados
contemplam a essência do medo
transladam o sul o som o sol

inútil deter aparições
que surgem flutuantes
no cenário lúgubre do espaço

corpos-silhuetas brilham
em dispersão sonora
da performática narrativa

sobre a cosmogonia do giro
que atravessa idades
espero pela hora do anonimato

elíptico gesto
que me leva ao teu colo
e faz do amor satélite

Simetria do nunca

Sidnei Olivio

I
O sólido da noite soterra o mundo
no descompassado silêncio.
Entre ruínas de castelos e memórias
cismadas no vértice das horas
seu reflexo obscuro estampa
o drama dos vitrais.

O tempo alicia palavras
como a saudade cega o destino
(rastros de olhares ensombrados
de tanto vê-la partir.)

II
Desde a manhã crescida ao sol
(quando corpos despertam)
até à tarde que se dobra sobre jardins
e envolve em seda
o fruto insípido do amor
seu vulto permanece em mim –
a sedução da voz que ecoa
em todos os ruídos do mundo
quando ouvidos se perdem
na sintonia do vazio
que se tornou imensa metáfora.



Site *Fernanda Bellicieri*



Fernanda Bellicieri

Rosalie Gallo y Sanches
(Presidente de Honra)
Cadeira n° 29

Muitos se espantarão ao ver algumas fotos desta ginasta-artista.

Fernanda é uma camaleoa. Escritora, professora universitária, publicitária, performer, italianista e tantas coisas mais que provavelmente encantariam nossos leitores, fazendo-os pensar “Mas o que será que esta mocinha fará, em seguida?” Não saberia responder porque parece que ela não conhece limites: deseja e realiza; sonha e busca.

É Doutora em Educação, Arte e História da Cultura, com graduação em Publicidade, Educação Física e Nutrição (em andamento). Personal Trainer, especialista em Fitness and Sports Nutrition e em Sports Performance, pelo American Council on exercise (ACE); Campeã brasileira semi-profissional 2021 (CBAPS), Campeã brasileira profissional 2022 (LIBAPS) e Campeã Mundial 2022 (APSWL), na vertente Pole Art. Juíza e Coach de Aéreos e Pole Sports pela IPSF.

Melhor que ler o que escrevo será ler o que ela escreve sobre si mesma e tomar-se de espanto com as fotos de Fernanda.

Bem vinda, Campeã, às páginas de nossa Kapiiuara! Sua Arte, múltipla, é nosso deleite.



Foto: divulgação

Pole Art: entre o corpo e o texto

Fernanda Bellicieri por ela mesma

Comecei a flertar com o Pole em 2008, após ter assistido a um campeonato europeu com apresentações que traziam nível técnico-acrobático elevadíssimo, aliado à fluidez própria da dança. A partir de 2012 iniciei treinamento específico e, em 2015, passei a buscar especializações e a desenvolver minha própria metodologia. Os resultados chegaram aos poucos: iniciei a competir no Pole Sport (vertente mais voltada à execução técnica, com movimentos obrigatórios), com resultados modestos. Quando conheci a vertente Pole Art, com foco na criação de movimentos e possibilidade de contar uma história a partir da coreografia, foi amor à primeira vista. Então, enquanto atleta e performer, motivada pela possibilidade de “escrever com o corpo”, passei a ter resultados significativos. Em 2018, em minha primeira competição de Pole Art, obtive o terceiro lugar; em 2021 fui campeã brasileira no campeonato CBAPS (semi-profissional); em 2022, campeã brasileira no campeonato LIBAPS (profissio-

nal), garantindo vaga no campeonato mundial APSWL, em que também fui campeã, pelo Brasil.

Minhas composições coreográficas têm sua gênese em um texto/poema autoral, reescrito sob forma de movimento e encenado com auxílio de adereços cênicos e, quando possível, projeção de imagens (ilustrações criadas especificamente para a narrativa, por Maria Lucia Nardy Bellicieri, la Mamma).

Minibio: Performer, escritora, professora-pesquisadora. Doutora em Educação, Arte e História da Cultura, com graduação em Publicidade, Educação Física e Nutrição (em andamento). Personal Trainer, especialista em Fitness and Sports Nutrition e em Sports Performance, pelo American Council on exercise (ACE); Campeã brasileira semi-profissional 2021 (CBAPS), Campeã brasileira profissional 2022 (LIBAPS) e Campeã Mundial 2022 (APSWL), na vertente Pole Art. Juíza e Coach de Aéreos e Pole Sports pela IPSF.

Foto: divulgação



Foto: divulgação





Crônica

Dia dos Pais

Alberto Gabriel Bianchi

Cadeira n° 44

Fui a um jantar dançante onde se comemorou em grande estilo o Dia dos Pais.

Foi em um clube, cujo salão nobre estava muito bem decorado com plantas naturais em toda sua volta. Luz tênue criando um clima totalmente romântico e muito gostoso para se dançar.

As mesas divinamente enfeitadas com toalhas prateadas refletindo suavemente as luzes coloridas do ambiente majestoso em que se vivia aquele momento iluminado pelas luzes misteriosas do universo. Pétalas brancas esparramadas sobre a toalha e lindas rosas brancas pousando solenemente em um vaso produzido por um artista inspirado pela beleza da natureza e que queria provocar em nossos corações a doçura do amor e arrancar, lá de dentro, a energia para um viver feliz, afinal era o “Dia dos Pais”.

Uma orquestra a tocar músicas de todos os tempos e em todos os ritmos, gerando luzes vermelhas, amarelas lilases, provocando uma sensação de prazer e alegria extasiante.

Dancei forró e várias músicas românticas da década de 1960. Dancei *La Mer*, *Aquarela do Brasil*, *Bessa me Mucho*, *Perfídia*, sambas e boleros, aqueles mais lindos de todas as épocas.

Lembrei-me dos lindos bailes no Clube Fazendinha, Casa de Portugal, Aeroporto, Palácio de Mármore no Moinho São Jorge, Clube Paulistano, Clube Pinheiros, Clube de Pirangi, Clube Monte Líbano, Palestra Esporte Clube e muitos outros.

Lembrei dos belos vestidos rodados das meninas dos velhos tempos.



Foto: divulgação

Dos meninos de terno preto, gravata borboleta e sapatos pretos brilhado.

Revivi a felicidade dos áureos tempos, lembrando dos olhares cintilantes de alegria e da magia gerada pelo ambiente de fascínio em que estávamos vivendo.

Vivi momentos maravilhosos e fui totalmente feliz. Era como se fosse meu primeiro baile, parecia debutar tamanha era a alegre e a grande euforia.



Estava acompanhado de duas deslumbrantes mulheres, Olinda minha esposa e Symara minha linda filha.



Foto: divulgação



Aponte a câmera ao QRCode e leia a Kapiiuara n^a 9



SCAN ME



Literatura Sobre Letras e Livros

*Rosalie Gallo y Sanches
(Presidente de Honra)*

Cadeira n° 29

Muitas vezes ouvi minha mãe contar às pessoas que me encontrou chorando, aos quatro anos de idade, sob a enorme mesa de almoço de nossa casa. Questionada, eu teria respondido que era ela a culpada de eu ainda não ser professora, como as irmãs mais velhas e que, se ela tivesse me deixado nascer antes, eu saberia – pelo menos! – ler e escrever. O curioso fato impactou a família e em pouquíssimo tempo estava eu introduzida no mundo mágico das letras e dos livros!

Anos depois, nas primeiras aulas de Teoria da Literatura, recém ingressa na Faculdade de Letras, ouvi estupefata, de Walnice Nogueira Galvão, assistente do Prof. Antonio Candido (de quem guardo como relíquia cultural a primeira edição do ensaio *A personagem de ficção*), que

era a Bíblia o livro de literatura mais lido no mundo. Como assim, livro de literatura? Heresia! Passados quase 60 anos, não me contengo e escrevo sobre a Bíblia.

Plural do grego “biblion”, a palavra significa pergaminho, papiro e, por extensão, livro, acrescentada posteriormente a conotação de sagrado, depois de reunidas as narrativas de mais de quarenta escritores com estilos diferentes. Como substantivo comum faz referência a uma espécie de guia para áreas específicas: a bíblia das Artes, por exemplo. Outro motivo não estanque é a metonímia ligada à cidade de Biblos, no Líbano, conhecida no mundo antigo, por causa de seu largo comércio de papiro.

A Bíblia atualmente conhecida divide-se em o Antigo (ou Velho) e Novo Testamento. Cabe aqui



entender a etimologia da palavra testamento. Na língua hebraica referia-se à revelação contida pela aliança entre Deus e os homens. Mantém ainda no Direito a analogia por lavrar a revelação da vontade fidedigna de alguém.

O Velho Testamento engloba, portanto, a aliança entre Deus e os homens, as origens da humanidade, a história do povo de Israel e a promessa da vinda do Messias. Estima-se ter esta compilação idade entre 1800 a 500 anos a.C. O Novo Testamento abrange relatos ligados à aliança divina cumprida na figura de Jesus, o Cristo, a expansão de sua “boa nova”, as epístolas e atos dos apóstolos e a profecia do fim dos tempos.

Stephen Langton foi o responsável pela primeira capitulação dos textos, concluída em 1227. Depois dele, São Jerônimo fez sua tradução da *Vulgata Latina* e Santi Pagnini se ocupou em subdividir os capítulos em versículos. Somente em 1551 surge uma versão do Novo Testamento grego, já dividido em capítulos e versículos, organizada por Roberto Estienne. Em 1560 vem à luz a obra completa da Bíblia em forma impressa, usando-se os trabalhos de Langton e Estienne.

Todos os órgãos de pesquisa sobre leitura admitem a liderança da Bíblia em suas classificações como o livro mais vendido no mundo ocidental o

que, infelizmente, não quer dizer mais lido.

James Chapman dispara a informação de a Bíblia ter tido cerca de quase 4 bilhões de exemplares impressos nos últimos cinquenta anos.

Segundo a Sociedade Bíblica do Brasil, em pesquisa datada de 2020, tem-se que a Bíblia foi traduzida para quase três mil idiomas. Há mais de cinquenta anos está na primeira colocação de livro mais lido. *A Retratos da Leitura*, em 2020, publicou a lista, provavelmente levando em conta o público-alvo leitor escolar e a forte influência da televisão (filme) durante a recente pandemia: 1. Bíblia, 2. O Pequeno Príncipe, 3. Diário de um banana, 4. Harry Potter, 5. A cabana, 6. A influência da televisão (filme) durante a recente pandemia, A culpa é das estrelas, 7. Dom Casmurro, 8. 50 tons de cinza, 9. Branca de Neve e os sete anões, 10. Turma da Mônica.

Ler não quer dizer compreender. Basta lembrar Paulo, o Apóstolo dos Gentios e segundo Taylor Caldwell “o grande amigo de Deus”, em sua segunda Epístola aos Coríntios (3, 6) no famoso versículo “Porque a letra mata, mas o Espírito vivifica”. Ler, sim; mas, mais que apenas ler, devemos compreender, interpretar, aproveitar, assimilar, aplicar a leitura para vivificar nossos espíritos.



Crônica

Silêncio, não espante os peixes

Pérsio L. Marconi

Cadeira nº 15

No final da década de 1980, as comarcas do estado de São Paulo tinham o seu Juizado de Menores – um serviço voluntário que cuidava dos jovens menores de dezoito anos em situação irregular (na época chamados “menores infratores”), hoje denominados ‘em estado de vulnerabilidade’, sob a supervisão de um Juiz de Menores, hoje transformados em Juízes da Infância e Juventude.

Em julho de 1990, com o advento do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), os juizados foram extintos. O ECA é hoje o marco legal e regulatório dos direitos humanos das crianças e dos adolescentes no Brasil.

Naquela época o Juiz de Menores designava cidadãos de sua confiança, com um trabalho efetivo na comunidade, para servirem como Comissários de Menores, que o ajudavam na fiscalização

em geral, no que se referia a esses menores de idade, zelando pelo seu bem estar na comarca.

Em São José do Rio Preto, o Juizado de Menores era composto por cerca de 40 Comissários, que respondiam diretamente ao Chefe do Juizado que, por sua vez, era o homem que representava o Juiz de Menores.

Durante um período relativamente curto, eu respondi pela Chefia do Juizado de Menores de Rio Preto. Trabalhávamos muito, já que a fiscalização exigia uma constante vigilância sobre a frequência de menores em bares, festas com venda de bebida alcoólica e eventos em geral. Dessa forma, tornamo-nos uma equipe coesa e entrosada.

O Comissariado de Menores era, portanto, eficaz e respeitado. Lidávamos com situações realmente inusitadas e até curiosas. Entretanto,



nada disso pode ser relatado aqui, obviamente, por razões éticas.

O meu antecessor no cargo de Chefe do Juizado tinha um rancho à beira do Rio Grande, na fronteira dos estados de São Paulo e Minas Gerais, à jusante da Usina Hidrelétrica de Marimbondo, local em que os Comissários às vezes se reuniam para confraternizações. Era uma casa simples, bem perto da margem do rio, que permitia a pesca abundante para quem tivesse a devida paciência, o que sempre me faltou.

Ficar horas sentado, imóvel, à beira de um rio inóspito, sempre me pareceu um tanto monótono, para não dizer incompreensível. Admiro, entretanto, aqueles que conseguem permanecer horas em meio a insetos de toda sorte, intempéries climáticas, consumir bebidas em quantidades semiletais e, ainda assim, desejarem voltar. Por esta razão, eu dificilmente ia a esses encontros.

Certa feita, os Comissários insistiram para que eu fosse com eles e achei por bem participar da confraternização. E eles, querendo me agradar, disseram, “Dr., pode levar seus livros para ler no rancho ou na beira do rio”.

Assim fiz. Carreguei vários livros, com o in-

tuito de lê-los enquanto os meninos iam pescar. No segundo dia, eles insistiram para que eu os acompanhasse até a beira do rio. Havia alguns tocos de árvores que tinham sido cortadas, locais em que eu podia ler à sombra de outras árvores frondosas, sem ser incomodado.

Cinco ou seis amigos posicionaram-se, então, com suas varas de pesca, suas tralhas e deixaram-me alguns metros para trás, absorto na leitura, sentado sobre um grande tronco de árvore. O capim estava bem alto, já que era época das chuvas. Tudo corria bem, até que, em dado momento, ao olhar para o lado, vi, estupefato, uma cobra com metade do corpo em pé, olhando fixamente para mim!

Em pânico, gritei a plenos pulmões para os amigos: “Hei, moçada! Tem uma cobra olhando para mim aqui!” A resposta foi a mais óbvia que pescadores acostumados a tais situações poderiam dar: “Silêncio, Doutor! Assim você vai espantar os peixes”!

Desnecessário dizer que recolhi rapidamente meus livros e voltei correndo para o rancho, de onde somente saí no dia de vir embora, tornando-me motivo de risos e galhofas de meus queridos Comissários de Menores.



Crônica

O estrangeiro

Eudes Quintino de Oliveira Junior

Cadeira nº 26

Nem sabia por que tinha sido preso. Na prisão, nada falava. Não sabia falar. Nem mesmo falar por sinais e gestos. Agarrava-se às barras da cela e atravessava com seus olhos grandes e sonhadores a parede divisória da liberdade. Apresentava-se calmo, resignado, ar franciscano, sem molestar seus companheiros de exclusão, embora incluído na reclusão.

Desconhecia prisão. Muito menos a existência de um processo para justificá-la. Mesmo assim, cumprindo o ritual estranho, foi levado à presença de um juiz para ser interrogado. Apenas algum grunhido emitiu, mesmo com a presença de pessoas com experiência em ler lábios, descrever gestos e decifrar sinais. Talvez fosse um estrangeiro, sugeriu alguém e, em razão da proposta, vários intérpretes foram se avistar com ele. Trabalho árduo, infrutífero e que mal decifrava o vocabulário de sobrevivência.

Suas digitais colhidas não traziam qualquer identificação anterior. Mãos limpas, sem registro criminal. Sua foto circulou nos jornais e estampada nos cartazes afixados pela cidade. Ninguém reclamou por ele. Nem ele reclamou para alguém. Era um verdadeiro estrangeiro em seu universo.

Lá no presídio, à boca pequena, carinhosamente, circulava que era um extraterrestre, que com tudo se conformava, mas não abria mão de fixar seu olhar para fora, principalmente para o

alto. Chegou-se mesmo a comentar que, durante a noite, enquanto todos dormiam, ele estatelava os olhos e balbuciava baixinho, como se estivesse orando. Falava a sós com a solidão e ninguém entendia, mas os detentos, mesmo assim, respeitavam-no.

Nem ele ficou sabendo da condenação. A pena, curta e com direito à liberdade, carregou-o para fora da prisão. Com o mesmo olhar, saiu caminhando rapidamente e com destino certo. Entrou rapidamente na igreja, quedou-se genuflexo. Rezou com tamanha fé, devoção e perfeita dicção que os fiéis presentes o acompanharam. O coral também entoou hinos de louvor com ele. Num gesto de enlevo, afastou-se.

Sua condenação? Perturbação do sossego, por ter pregado o bem e a fraternidade entre as pessoas, publicamente. Falava a língua de Deus e não a dos homens. Daí, não ter sido compreendido.

Hoje, no presídio, falam que era um santo que ali escolheu para cumprir parte de sua breve missão. Os detentos, pelo menos eles, conseguiram entendê-lo, admirá-lo e gravaram o silêncio de seu profundo olhar. É certo que contaminou o ambiente, sua faísca eletrizou a fé e todos se sentiram ungidos e protegidos. As grades das celas estão apinhadas de mãos se agarrando em posição de prece, olhando e se impulsionando para o céu...



Entrou rapidamente na igreja, quedou-se genuflexo. Rezou com tamanha fé, devoção e perfeita dicção que os fiéis presentes o acompanharam.





Crônica

Meu pai José

Loreni Fernandes Gutierrez

Cadeira nº 19

Por ser uma pessoa boa e de fé, meu pai José tinha uma ideia diferente sobre ser “homem”. Por isso foi passado para trás muitas vezes. Anos depois, amadurecida e me iniciando na filosofia com a filósofa Isabel P. Hernandez, compreendi que meu pai, com sua simplicidade e imoderada fé nos homens, nada mais era do que um estoico. Ele estava ainda há anos luz do empirismo, pois cria nas coisas que transcendiam as esferas tangíveis. Meu pai expunha de forma simples e poética a dialética da fraternidade, com a imortalidade da alma presente em todas as suas formas e com uma afluência espiritualidade.

Lembro dele com os raminhos destinados às benzeduras e ervas usadas em garrafadas e unguentos com Erva-de-santa-maria, que amenizavam dores. No altar da sala uma toalha branca sustentava os pés de Santo Antônio de Lisboa e Pádua, trazido da Espanha; Nossa Senhora da Aparecida, Santa Rita de Cássia e São Benedito. Uma cruz de madeira com a imagem do crucificado, sobre a qual descansava um rosário, ficava na parede branca, centralizando o altar. E sobre a mesa não havia caboclos. Papai dizia que o único caboclo, ali, era ele, ainda que indigno de olhar para os céus.

As simpatias para verrugas eram feitas com o leite das folhas miúdas de mandioca e, para o terçol, com grãos de feijão torrados na chapa e muita fé. E curavam, de fato.

As benzeções para a cura do cobreiro, quebrantos, espinhela caída e mau olhado eram feitas com ramos de arruda e de alecrim e, na falta destes, com folhas de mamona ou de mandioca. A espiritualidade de meu pai não estava ligada a uma vivência religiosa. Nem íamos à missa, pois morávamos longe, no sítio. Mas as pessoas, poucas nesse tempo, se sentiam aliviadas de seus males após o ritual.

Meu pai, além de bondoso, tinha propensão para histórias com assombrações e seres encantados. Recordo bem que, embora vivesse num sítio, com galhos e folhas me acenando ao longe no final da tarde, mormente no outono, jamais vi uma cobra no quintal. Papai o benzia sempre, porque elas eram traiçoeiras. Lembro dele com raminhos, benzendo os cantos do quintal para que as víboras não viessem. E nunca vieram. Toda as noites, apesar do cansaço da lida, prostrava-se agradecido diante do altar, logo após colocar toquinhos embaixo das portas para que nenhum bicho adentrasse. Depois vinham as histórias. E nas madrugadas lá ia ele, tirar o leite, no curral, e lidar com os peões.

Lembro de quando papai retornava da cidade a cavalo e de seu alforge de tecido branco, onde trazia compras e balas. Nossos alimentos básicos eram naturais, como frutas, legumes e verduras, colhidos no quintal; leite e queijos, feitos em casa, ovos e frangos,



banha e carne de nossos porquinhos. Recordo dos cavaleiros que passavam próximos à nossa casa, pedindo água da caneca de alumínio lustrosa onde mamãe lhes servia, mas sempre de olho em mim, com medo de que alguém me roubasse.

Próxima já dos dez anos mudamo-nos para a vila, para eu estudar, e a procura pelas benzeções aumentou. Foi quando minha mãe exigiu que meu pai parasse de benzer. E falou sério. A partir de então ele só cuidaria de quebrantos e de mau olhado dos mais próximos. Na adolescência alguns amigos se encantaram pelas histórias de meu pai e um novo ciclo se formou, nos fins de semana, quando nos acomodávamos ao redor

da mesa da varanda de casa, sedentos por causos que nos deixavam de cabelo em pé porque ele, de fato, via coisas inescrutáveis.

Com a bênção de meus pais mudei-me depois para uma cidade maior, sequenciando minha história e levando um amontoado de boas lembranças. Quando me lembro do papai, que já se foi, agradeço a Deus por ter convivido com alguém tão humilde que nos criou com fartura e valores inestimáveis. Meu pai, preocupado em SER e nunca em TER, optaria sempre por se sentar na última fileira e entrar e sair pela porta mais estreita. Meu pai José conviveu com o mundo visível e o invisível, acreditando que nossa alma era imortal. Como era simples e sábio o meu pai!





Poesia

Além das palavras: mulheres na poesia minimalista

Patrícia Reis Buzzini

Cadeira nº 02

ressentimento
sentimento
sentido
sentir
sem
ti

céu
azulado
verde
acinzentado
emerge
raro

impressa
no
ato
palavra
s/n
ua

*Esta seleção de poemas integra a antologia *Além das palavras: mulheres na poesia minimalista*, no prelo.



Um homem sob as estrelas

Loreni Fernandes Gutierrez
Cadeira nº 19

Após o véu da tormenta,
noites mal dormidas e
horas mal vividas,
o pranto se fez riso e os
umbrais dos céu se iluminaram.

E um homem,
que nunca amou,
colocou os olhos no céu
e se encantou pelas estrelas.

Ziguezagueando nos trilhos da noite
e com esperanças no porvir,
acomodou-se no banco da praça,
sorriu para os astros e dormiu.

No dia seguinte
de olhos abertos o encontraram,
enrijecido pelo frio da noite
e umedecido pelo orvalho da manhã.

Mas ele ainda sustinha,
no olhar amarelado e cristalino
dum recém cadáver,
o brilho pálido da última estrela.



Artigo

Desigualdade, Soberba e a Perda do Espírito

José Luiz Balthazar Jacob

Cadeira nº 28



A desigualdade é geradora de inúmeros e sérios problemas, sendo talvez o principal o fato de que seus ensinamentos transmitem dois sentimentos diametralmente opostos: a) A soberba para uns; b) A humilhação para outros. No entanto, ambos são frutos do orgulho, que é o mais nefasto dos sentimentos. O orgulho, como escreve C. S. Lewis, é quando os erros ou pecados que todos temos saem da esfera carnal e penetram no espírito. É a obra perfeita de satanás. Não é aquele orgulho simplório de fazermos uma boa obra, conquistarmos um diploma, obtermos reconhecimento pelo nosso trabalho ou sermos considerados pessoas dignas. O orgulho que mata o espírito é o que gera a soberba e faz com que nos sintamos superiores, capazes de oprimir o mais fraco; que nos faz dizer “eu posso resolver meus problemas, os outros

que resolvam os seus”; ou o tão frequente slogan: “Nós temos poder e podemos fazer isso, mas eles não”. Esse é o sentimento que faz sair de nós a centelha de Deus que nos foi dada gratuitamente. É o momento em que o meu próximo deixa de existir para mim e Deus vai junto com ele.

Em geral, o orgulho produz a união de pessoas semelhantes e que têm uma enorme capacidade para explorar e menosprezar os mais fracos, mas que se borram e rastejam diante dos poderosos. Aceitam ofensas de quem tem mais poder para que possam permanecer nas condições que julgam dignas de orgulho. Uns poucos alçados à condição de intocáveis em decorrência de fortunas astronômicas ou cargos de enorme poder, com frequência, se colocam em situações ridículas; porém, surpreendentemente, não são



ridicularizados e são até aplaudidos e defendidos por suas atitudes cômicas e medíocres. Cômicas não por serem engraçadas, mas pelos gestos e palavras grotescas usados em público. Medíocres porque o dinheiro pode comprar os puxa-sacos, mas não apaga a mediocridade.

A humilhação tem inúmeros fatores desencadeantes: a) Condição socioeconômica, que com grande frequência impossibilita o acesso a vários ambientes. Pessoas se veem sem coragem de frequentar lugares públicos, de livre acesso, por problemas com as vestimentas e falta de condições para o consumo de alguma bebida ou comida; b) Restrições em virtude de gênero, sempre com maiores limitações para as mulheres; c) Violência em virtude de diferentes opções sexuais; d) Preconceito de cor, que ainda envergonha a humanidade. As quatro citadas são de longe as mais frequentes causadoras de situações humilhantes, que irão gerar complexo de inferioridade ou reações de revolta e ódio.

A soberba por se vestir melhor parece pequena, mas é muito danosa. Pessoas bem vestidas e arrumadas são vistas possivelmente como “gente boa” ou “mocinhos e heroínas”; as mal vestidas são “supostos bandidos ou vilãs”. “Batidas” policiais levam em consideração tais diferenças. Sabe-se que hoje existe um chamado “pedágio pobreza”: pessoas andam distâncias maiores e pagam mais caro por produtos (inclusive alimentos) por sentirem vergonha de ir comprar nos locais frequentados pelos mais abastados.

As imposições feitas por ser homem podem parecer apenas um hábito social, mas é um preconceito trágico vindo da soberba de ser supostamente mais forte que a mulher.

Mesmo na época atual, há muitos que se fingem de machões e depois se entregam alegremente a outros do mesmo sexo. Direito deles sem dúvida, mas por que tentar se aproveitar de mulheres demonstrando virilidade e violência?

O preconceito contra diferentes opções sexuais, tão em voga, advém da soberba de se julgar correto por ser hétero (homem ou mulher) ou tentar se impor como mais liberto e avançado por ter outra opção. Comportam-se assim até os que possuem alguma perversão da sexualidade e tenham consciência dela! A questão das opções sexuais carrega doses significativas de intolerância e abusos de ambas as partes, que dificultam a convivência respeitosa. Se houvesse um estímulo para a redução das provocações e agressões entre os dois extremos, teríamos grande diminuição de conflitos.

O preconceito de cor é historicamente o mais trágico e permanece municiando a mente doentia dos racistas, e faz com que o negro, ainda hoje, tenha mais dificuldades para ascender social e economicamente.

Tão ou até mais terrível que as anteriores, porque pode atingir a todos os citados acima, é a humilhação causada pela opressão feita por detentores de algum poder contra jovens no início da vida profissional. São pessoas alguns anos mais velhas, que enxergam aquele jovem como um rival em um futuro próximo. Tentam massacrá-lo na tentativa de destruir seu entusiasmo e impedi-lo de desenvolver seu potencial. Cansei de assistir a isso em minha profissão, médico. Não há nada mais asqueroso do que um adulto medianamente competente tentar anular um jovem altamente competente. Isso, além de falta de caridade, é a expressão do ápice da podridão humana, pois não nasce de hábitos sociais, de diferenças socioeconômicas arraigadas nem de tabus da sociedade, ela brota da maldade da pessoa e da morte do espírito. Quando o espírito morre, Deus também morre naquela pessoa. Por isso, temos uma grande população de “zumbis” em todos os ambientes e ocupando cargos de grande importância.



A

rtigo

Cleber Junio Falquete
Cadeira nº 13

Ventos delicados de Vermeer

O que quer esta menina
Que teima em não entardecer
E salta do presente ao passado...
Yone Rodrigues, in *Os Dias Claros*.

Sentou-se, mesmo com aquele frio cinza e intenso, mesmo com o vento agitado, naquele banco solitário de mármore branco. Ali, sob um suntuoso ipê-amarelo, o belo ornamento da pequena praça vazia, naquela tarde branca, em que se fundiam tons elegíacos, ela tentava esfriar a tristeza, aconchegando as lembranças.

Recolheu-se e ouviu novamente o quente susurro familiar, brotando de todos os dias calmos com paisagens douradas, assim como se ouve o estalar de pão fresco saído da fornalha aquecida; calou os seus uivos mais exaltados, assim como o lobo, ao farejar o aroma que recende no surgimento da aurora; bebeu de fumegantes sonhos antigos em dias emoldurados, como cafés matinais misturados com leite materno. Revolvia-se, prazerosamente perdida em si mesma, como se buscasse em seu labirinto empoeirado, correndo atrás de portas fechadas, destravando tramelas, abrindo janelas azuis, despertando rangidos envelhecidos, atravessando corredores medonhos e mofados, a própria efígie descortês e obscura de si.

Viu que o vento rude mergulhava os galhos do ipê abruptamente e as folhas amarelas desprendiam-se com certa violência. As folhas tornavam-se livres em sua inevitável queda, porém reféns de seu novo rumo e de seu novo destino, acabavam arrastadas para longe de suas raízes e terminavam inseguras e feridas ao chão.

Reviu a figura heróica da mãe na fazendola, sempre com o avental azul e a touca branca. Ora despejando displicente a lavagem da semana para os porcos, ora lavrando a terra com muito suor amarronzado, ora remendando os coxins dos tios, ora debulhando com agilidade os mi-

Fotos: https://www.wga.hu/index_artists.html



The Lacemaker (1669-70)

Oil on canvas transferred to panel, 23.9 x 20.5 cm
Musée du Louvre, Paris



lhos da colheita no terreiro, ora recolhendo o repolho azedado da pipa, ora escolhendo alguns galhos secos e os mais rotundos pra derreter a gordura no fogão...

Em meio às constantes lufadas, recebeu a visita inesperada de alguns dos quadros de Vermeer, *A Rendeira*, *Mulher à Janela*, *A Leiteira*, que o professor de teoria da poesia havia exposto numa das aulas sobre Barroco.

Talvez porque evocassem com vitalidade uma beleza elegante delineada dos segredos delicados dos momentos simples. Talvez porque a quietude suave e abrangente dos matizes e a força mítica daquelas paisagens domésticas a envolvessem mais do que supunha. O certo é que aqueles quadros, inconsequentemente, alimentavam o seu desejo feérico de voltar a fazer parte daquele mundo imóvel, daquele tempo puro preso no tempo, que parecia reter a sua fertilidade de ser feliz.



Girl Reading a Letter at an Open Window (1657)
Oil on canvas, 83 x 64,5 cm
Gemäldegalerie, Dresden

Fotos: https://www.wga.hu/index_artists.html

Fotos: https://www.wga.hu/index_artists.html



The Milkmaid (c. 1658)
Oil on canvas, 45,5 x 41 cm
Rijksmuseum, Amsterdam



Woman with a Lute near a Window (c. 1663)
Oil on canvas, 51 x 46 cm
Metropolitan Museum of Art, New York

Fotos: https://www.wga.hu/index_artists.html



Filosofia

Relações humanas: uma visão pessimista

Isabel Pimenta Hernandes

Membro honorário

Vocês educariam seus filhos levando-os a confiar plenamente nas possíveis boas intenções dos outros ou procurariam adverti-los de prováveis ocorrências de deslealdade? E num alerta mais radical, vocês, ainda que a contragosto, anunciariam sorradeira ou francamente que o outro poderia ser para eles tão feroz quanto um lobo, representando, afinal, seu próprio inferno? E, ainda, num discurso menos visivelmente negativo os preveniria da ânsia ou da vontade de poder existente nos seres humanos, o que os levaria a ações traiçoeiras, hipócritas?

Pois é, os filósofos, pelo menos alguns, procuram esclarecer este lado sombrio da classicamente chamada natureza humana. E é interessante notar que os pessimistas acabaram por revelar este lado negativo, egoísta e belicoso do ser humano, fundamentando-o não tanto nas possíveis influências perniciosas do meio ambiente, mas em sua própria natureza.

Talvez vocês já conheçam a exposição feita pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) sobre os porcos-espinhos em uma noite de frio intenso. Se se aproximassem por demais dos outros porcos, a fim de obter calor, acabariam se ferindo, pois seus corpos estão repletos de espinhos. Mas o certo é que uns precisavam dos outros. Como proceder corretamente para garantir a sobrevivência pessoal? Aproximaram-se o suficiente para permanecerem vivos, não se arriscando a sérios ferimentos.

Quem passou pela vida sem sofrer as amarguras de grandes decepções, tanto maiores

quanto mais investimentos espirituais teriam sido depositados nas relações? A proposta de Schopenhauer para alguém não se ferir por demais é de manter um certo distanciamento, rejeitando atitudes de intensa credulidade.

Que dizer, então, da radicalidade do mal quando o homem é visto como um verdadeiro lobo para o outro homem? Belicoso, agressivo, competitivo tal como professa o filósofo inglês, Thomas Hobbes (1588 – 1679)? Ou, ainda, o reconhecimento do outro como sendo a encarnação do nosso inferno, conforme afirma o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) em sua peça teatral *Huis Clos (Entre Quatro Paredes)*? Sartre revela nessa peça a impossibilidade de recusar a presença do outro, o que leva ao fato de termos que nos suportar. A frase “O inferno são os outros”, que se encontra no *Huis Clos*, representa, de forma magistral, a concepção sartriana acerca das relações humanas. Saltando da peça teatral para sua maior obra filosófica, *O Ser e o Nada*, seria possível constatar a “sagaz” ideia de dominar o outro antes de ser por ele dominado!

Precisamos enfrentar a última ponderação, a que diz respeito à ânsia ou à vontade de poder. Quando falamos em vontade de poder logo vem a lembrança do título da obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), a *Vontade de Poder*. É interessante observar, conforme pondera a filósofa Hanna Arendt, (1906 – 1975) que, na realidade, Nietzsche jamais escreveu um livro com o título “*Vontade de Potência (Poder)*”. A coleção de fragmentos, notas e aforismos que le-



vam este título foi publicação póstuma.

De qualquer modo, nosso interesse maior se encontra nos termos Vontade e Poder. Decifrá-los, independentemente do que propõe Nietzsche, nos permitiria ingressar no âmago de muitas ações consideradas moralmente negativas.

Vontade. Uma definição simples do termo vontade que, por sinal, nos isenta de tecer considerações complexas sobre o termo, é oferecida por Giacoia (Pequeno Dicionário de Filosofia Contemporânea). Conforme afirma, vontade: Princípio de movimento, impulso ou capacidade para agir, envolvendo uma dimensão reflexiva dessa atividade que implica a representação de fins. Quanto ao termo poder devemos considerar que ele oferece dois sentidos: poder de e poder sobre. O 1º sentido indica uma ação possível, identifica-se com potência (poder de andar, de falar, de comprar etc.); o 2º indica dominação real (poder de mandar e se fazer obedecer); o último se refere a seres humanos e é o poder em sentido estrito. Trata-se de uma ação possível sobre a vontade de outrem. O segundo poder, afirma outro dicionarista, Sponville, é que ele se exerce mesmo quando não age; ele governa mesmo quando não ordena.

A potência nós compartilhamos com a natureza, mas o poder é apenas humano. Afirma Hobbes em sua obra *Leviatã*: “Ponho no primeiro plano, a título de inclinação geral de toda a humanidade, um desejo perpétuo e sem trégua de

adquirir poder após poder, desejo que não cessa até a morte”.

Fazendo eco à voz de Hobbes, Nietzsche afirma que “a vida aspira ao máximo sentimento de poder possível. Aspirar a outra coisa não é senão aspirar ao poder...” E tal vontade de poder, conforme faz questão de esclarecer o filósofo, é um impulso fundamental que nada tem de racional.

Se todos os componentes anteriormente citados já seriam suficientes para tornar amargo o caldo constitutivo da antiga chamada natureza humana, evidentemente, se eles desembocassem na tal vontade de poder ou a ela remontassem, então, nesse caso, nem os pais mais precavidos poderiam proteger seus filhos, prevenindo-os das atitudes pouco confiáveis do outro.

A maior proteção viria da introjeção do aumento da vontade de poder, do poder sobre outrem?

Evidentemente, trazer à tona a questão do mal não é tarefa auspiciosa. Poderíamos retirar os alicerces que sustentam o tenebroso castelo no qual ingressamos sem pedir licença aos prezados leitores?

Não é possível dar vazão aos nossos anseios do Bem, nas atuais páginas. Vamos deixá-los para outro artigo. Contudo, uma coisa é certa, a expressão “vontade de poder” pode nos ajudar a compreender diferentes cenários políticos e nossas relações cotidianas.



Autoajuda

Respirar fraquezas

Elma Eneida Bassan Mendes

Cadeira 11

Não é queixa. Apenas constatação, registro. Afinal para isso serve escrever. Deixar claro que se sente, ou pelo menos tentar. Às vezes um vestígio já basta. Novamente, não é lamento. Mas existem dias que são absolutamente difíceis. Impensáveis. Inimagináveis. Como cheguei a isso? Por que isso aconteceu? Qual o sentido? E por aí vão as divagações daqueles minutos, horas, noites de entrevistas com a alma. Torneira de perguntas aberta, mas as respostas secaram. Can-saram de verter e nenhuma matou minha sede. Nem uma gota para aliviar olhos e mente que ardem em buscas inquietas, insones. Ao final, acostuma-se. É da vida. O que não tem remédio,

remediado está. E eu que lute para serenar. O fato é que alguns remédios curam, mas não tiram a dor. Mesmo que a vida siga seu rumo, o latejo segue junto. É um defeito? Talvez eu não seja tão forte quanto eu gostaria?

“Mas nem sempre é necessário tornar-se forte. Temos que respirar nossas fraquezas” – admitiu a tristonha Clarice Lispector.

Há nobreza nesse escape. Há virtude em se apresentar fraca, exausta. A humildade em se expor ganha músculos que podem renovar a fé,





voltar o olhar para a esperança, velha de tantas guerras. Num desses seriados médicos ouvi uma bela frase: *“quando dói tanto que não se pode respirar, é assim que você sobrevive.”*

Quando dói tanto que não se pode respirar é que você consegue mirar a dor do outro. A aflição do mundo despedaçado em lágrimas, carências e injustiças. Sobreviver à dor lancinante é preparo para acarinhar a dor do outro. Amparar o próximo que também está cansado. Talvez uma das explicações seja essa, não sei. Talvez o unguento que estanque sua ferida escorra sobre a de algum irmão. É quando o sofrimento toma asas de bênçãos. Alcança o céu da empatia e vira

compaixão. Não é preciso ser forte, mas é necessário ser grato. Essa consciência é muito preciosa para mim. Não há transe de angústia que me afaste da gratidão. Não há pergunta sem resposta que me desvie para a amargura de um coração ingrato. Não há dor profunda e recorrente que me impeça de agradecer um novo dia e suas espetaculares oportunidades. Não há fraqueza que eu respire que não me lembre da bênção que é o meu caminhar.

Do mesmo seriado médico norte-americano encontrei o seguinte raciocínio. É humano, é transparente, é de quem respira fraquezas. Por isso, compartilho.



“As pessoas possuem cicatrizes. Em todos os tipos de lugares inesperados. Como mapas secretos de suas histórias pessoais. Diagramas de suas velhas feridas. A maioria de nossas feridas pode sarar, deixando nada além de uma cicatriz. Mas algumas não curam. Algumas feridas podemos carregar conosco a todos os lugares, e embora o corte já não esteja mais presente há muito, a dor ainda permanece... Talvez velhas feridas nos ensinem algo. Elas nos lembram onde estivemos e o que superamos. Nos ensinam lições sobre o que evitar no futuro. É como gostamos de pensar. Mas não é o que acontece, é? Algumas coisas nós apenas temos que aprender de novo, e de novo, e de novo...”



A rtigo

Memória afetiva

Wilson Daher

Cadeira nº 09

Tenho saudades de certos momentos que não desgrudam da memória. Não são lembranças, simplesmente, são recordações carregadas de um tom afetivo, por vezes tocante e, também, em muitos deles, carregados de um tom poético inimaginável para a maioria das pessoas.

Tenho saudade da janela de meu quarto da infância, rente à rua onde passavam os cães e alguns moradores. Eu me debruçava junto ao parapeito da janela e olhava a paisagem árida e silenciosa de meu mundo, olhando a rua e vendo um outro mundo que eu sequer conhecia, a não ser como matéria de sonho.

Como no poema de Drummond, eu não tinha consciência de que minha história era mais linda que a história de Robinson Crusóe e ali ficava, até que os passos de minha avó sobre o assoalho encerado com cera Parquetina me despertavam para o interior da casa.

A memória olfativa me dá outro tom da saudade, quando me volto para o interior da casa. Sinto ainda o aroma forte do café que o avô pulveriza no moedor, um cheiro que se espalha pela casa e vai se juntar ao aroma do pão saindo do forno de barro, no quintal, puxado pelas mãos mágicas de minha mãe, que maneja uma pá com





maestria e delicadeza. Minha mãe sabia ser gentil com tudo o que preparava para o deleite de nossas comilanças.

Saudade intensa do fuxico das irmãs e das empregadas, que falavam do que aconteceu ontem e até mesmo ou até mais do que não acontecera, enquanto despejavam conchas de pamonhas vertidas sobre as folhas verdes das espigas de milho.

Da moldura da janela da cozinha estendo a mão para içar o galho de um cajueiro que toca no batente e me oferece um fruto vermelho, carnudo e de um sabor inesquecível. E enquanto o mordo até a polpa, ouço a voz da lavadeira me pedindo o cuidado necessário para não respingar as gotas de caju sobre a alva camisa. Este era o tempo da inocência, tempo em que manga e leite eram incompatíveis, fazendo-nos temer por doenças graves, de difícil cura.

Tempo em que o médico da vila cheirava a “obra” (fezes) trazida numa latinha lavada e nos pedia para pôr a língua para fora. Ou então fazia-nos tirar a camisa para auscultar o peito, enquanto repetíamos o bordão da ausculta: trinta e três. Tempos dos vermífugos nojentos e do terrível Emulsão de Scott, quando não o intragável Óleo de Fígado de Bacalhau. Arg.

A memória afetiva tem cheiros, sons, luzes e sombras. O relógio de parede, de meus pais, que hoje está comigo, em lugar de destaque na parede da sala, conserva todos estes predicados, do

cheiro do linóleo da sala da infância, do som das badaladas que me acordava medroso, envolto nas sombras da noite, das luzes cintilantes das estrelas que penetravam, às vezes, pelas frestas das persianas.

Tenho saudade do tempo em que eu era feliz sem perguntar o que era felicidade. Não precisava. Não era proibido sorrir, nem olhar para o alto, fantasiando as figuras desenhadas pelas nuvens, enquanto a gente se via, muitas vezes, envolto no poeirão levantado pela passagem da boiada, defronte às casas.

Vejo-me ainda rodando o sarilho com que puxava a água da cisterna no quintal, me olho despejando a água sobre a bacia em que me vou sentar para o banho adolescente, com receio do autoerotismo pecaminoso, do pai, da mãe, do padre, do purgatório.

Sim. Eu vivi estas coisas que me parecem agora muito inocentes e pautadas por um tom afetivo, sem melancolia, só nostalgia (dor da alma) que às vezes me aprofundam numa saudade maior.

E sei também que a cada vez que venceremos o tempo, antes que ele nos devore, teremos sempre esta necessidade primária da regressão em busca do paraíso perdido. Sempre. É como diz nosso querido poeta, Carlos Drummond de Andrade:

Viver é saudade prévia.



P

rosa

Vitrines de Nostalgia

Waldner Lui

Cadeira 22

A vida é um diálogo contínuo da pessoa consigo mesma, disse Mário Sérgio Conte em artigo na *Folha de São Paulo*. E completo: o escritor começa a vida pela narrativa que um dia será escrita, posta em palavras, para transmitir emoções, reprocessando a memória, treinando uma prosa afiada e uma linguagem cheia de particularidades. Ao retirar os tapumes da autocensura, o escritor põe a intimidade em cena ao enfatizar sua visão poética e o lirismo de sua ótica. Reverenciada pela sensibilidade, minha memória de infância é incapaz de negar um holofote, trazendo sempre consigo, uma leveza singela.

Não há lembranças nefastas, mas aprendizados, doces e alegres de minhas vivências. Incorporando untuosas narrativas, meus natais, com luzinhas coloridas, iluminavam o sonho de um garoto provinciano que, embora se queixasse em público e privado de não ganhar os brinquedos que queria, não escondia suas indignações pungentes e o olhar fragilizado, embora sempre com

muita substância para uma infância inocente, opulenta de lembranças. Reprocessar a memória traz reminiscências que se afeiçoaram a nós e grudaram na alma, como diria o Chico Buarque: feito tatuagem, conectando valores, sem perder a identidade. Como um caudaloso rio serpenteando sereno por entre a mata, as mudanças se moviam lentas a cada Natal da então pequena Rio Preto e se acomodam na dramaturgia da minha vida.

Quando reprocesso memórias, elas parecem uma fratura exposta, difícil de ser camuflada: o sorvete de graça no segundo andar das **Casas Regente**, presença inescapável que sedimentou as recordações, quando o comércio abria à noite; as **Lojas Clipper**, um mundo de beleza e presentes que deixava uma criança deslumbrada; o esplendor da **Casa Bueno**, cuja linguagem ela decodificou com um repertório infinito de referências, jogando até hoje, flashes no pensamento e na memória, fazendo despertar o pertencimento





dos rio-pretenses, um legado inesquecível. Com um pé no sonho outro na fantasia, o passado regala minha infância com empáfia.

O cenário urbano povoa e faz emergir um Natal todinho, com sons, cheiros e odores. Nos sons do *Jingle Bells*, entoado na porta das lojas, da cítara do Poli em Noite Feliz, de *White Christmas* de Frank Sinatra; dos cheiros do tempero do *cappelletti*, do molho do frango com polenta que a habilidade culinária de minha avó preparava como ninguém – daquelas polentas duras, cujos

nacos eram separados por linha de costura – da *pasta nostra* de uma família italiana, da leitoa e do frango assado, abraçados pelos odores que abriam as pupilas gustativas e atiçavam o paladar à espera do almoço do dia 25.

Esses natais encantam, resgatam e dão uma generosa dimensão da interpretação da vida. Quando a idade torna-se depletada, debilitada, abatida, quando começamos a entrar no túnel dos estertores da vida, quando começamos a refletir sobre a finitude e sobre as nossas fragilidades, nada paga o banquete de iguarias que nos traz o piar dos pássaros realçando o silêncio, o olhar-sorriso que compartilha afeições, o necessário tédio do mergulho num quadro de paisagem figurativa vasta e encantadora, o brincar do gato com o novelo de lã. Nessa hora, em que abrimos nossa caixa de pandora cheia de memórias em cada palavra disparada direto de nosso coração para o coração daqueles que engordam o nosso arsenal de carinhos, estamos à espera da hora de darmos um chega-prá-lá nas estrelas e anunciarmos: estou chegando.





Artigo

Smartphone: o lado sombrio da tecnologia

Paulo Cesar Naoun

Cadeira 39

A tecnologia dos *smartphones* colocou a internet em nossos bolsos, e, aparentemente, podemos descobrir respostas para milhares de perguntas com o simples toque de um botão.

Mas esses avanços tecnológicos vêm com um custo!

Há evidências de que estamos nos tornando excessivamente dependentes, ou até possivelmente viciados em *smartphones*. Pense em como você se sentiria quando percebesse que esqueceu ou perdeu o seu *smartphone*. Para algumas pessoas é apavorante não estar com este valioso equipamento!

De fato, há relatos indicando que muitas pessoas se tornaram estressadas e ansiosas quando "*foram separadas destes aparelhinhos*", exibindo, inclusive, sintomas semelhantes aos da abstinência da dependência de um vício.

Estes e outros problemas comportamentais das pessoas pós-advento dos equipamentos de TI (tecnologia da informática), motivaram especialistas da área de patologia psicossomática a realizarem testes que avaliassem os graus de envolvimento causados por uso excessivo de *smartphones*, assim como de outras tecnologias multimídias nas mudanças estruturais e funcionais do cérebro.

Os resultados deste estudo mostraram que há pelo menos cinco estressores relacionados ao uso contínuo e prolongado destes equipamentos:

1 - Distração perpétua (ou déficit cognitivo)

O bipe persistente, a vibração e o piscar das notificações causam distrações aos usuários de *smartphones*, e estes são levados a interromperem o que estão fazendo para verificarem as telinhas de seus equipamentos. Isso significa que estas pessoas não conseguem focar suas atenções, quer seja no trabalho, no estudo, na direção de um veículo etc. *Consequências: suas habilidades cognitivas estão deteriorando, com piora na atenção, na memória e no aprendizado.*

2 - Desregulação do sono

Muitos usam o seu *smartphone* na hora de dormir; a justificativa é checar se há algo importante. Este comportamento tem o duplo efeito de estimular o cérebro e dificultar o relaxamento das sinalizações sinápticas dos neurônios. Além disso, a luz da tela pode diminuir a produção da melatonina – um hormônio natural que induz e regula o sono. *Consequências: sono instável e prejuízo à saúde física e mental.*

3 - Desequilíbrio funcional

Caracteriza-se por não saber separar o trabalho da vida pessoal. Antes da internet e das tecnologias resultantes desse avanço da comunicação, havia uma clara distinção entre o tempo dispendido para o trabalho e o da vida familiar (ou social). Atualmente esta distinção não existe para muitas pessoas, pois elas se tornaram disponíveis e conectáveis a qualquer momento. O



relaxamento que as pessoas faziam nas reuniões presenciais (familiar, social ou trabalho) deixou de existir. *Consequências: estresse e ansiedade diária, e prejuízos na comunicação com pessoas de convivência de seu círculo familiar, social e de trabalho.*

4 - Síndrome do FOMO (Fear Of Missing Ou Medo de Perder)

Esta síndrome é um tipo de ansiedade que surge do medo de perder alguma coisa que esteja acontecendo, quer seja um evento, a oportunidade de um trabalho, a comunicação de um assunto etc., e do qual gostaria de participar. Este tipo de medo faz com que algumas pessoas acessem seu equipamento centenas de vezes num mesmo dia. *Consequência: carência social, impaciência, estresse e ansiedade.*

5 - Comparação social

Os *smartphones* trazem imagens e gravações de momentos pessoais, inserção social, número de curtidas de postagens, etc. Tudo em tempo real. A mídia de celebridades, por exem-

plo, incentiva intensamente estes tipos de comparações e as usam como medidas do sucesso ou insucesso da vida. Comparações sem filtros de análises levam muitas pessoas a reeditarem artificialmente suas formas de viver, sem que a mesma corresponda à realidade. *Consequência: alteração constante da autoestima e desvio de personalidade.*

Os efeitos deletérios à saúde mental e física nas pessoas “viciadas” em *smartphones* se somam cumulativamente, e com o passar do tempo produzem doenças psicossomáticas que precisam de cuidados médicos. No entanto, ainda não se sabe com clareza suas relações no desencadeamento de outras doenças.

Por outro lado, para quem faz o uso racional de *smartphones* há benefícios extraordinários entre os quais se destaca aumento o desenvolvimento da capacidade intelectual.

Referência principal: Harrison G e Lucassen M. - Stress and anxiety in digital age. March of 2019. The Open University, UK.



Artigo

Planeta Terra ou Planeta Água?

Samir Felício Barcha

Cadeira 05

Quando olhamos um mapa terrestre ficamos admirados com a grandiosidade dos rios principais, como Amazonas, Paraná, São Francisco, Nilo, Mississipi, Reno, e outros caudais que drenam a superfície do nosso Planeta. Somando-se às águas desses rios e de todos os demais cursos d'água, grandes ou pequenos, a impressão é de que o volume despejado nos oceanos é incrivelmente grande, mesmo gigantesco, impressionando nossa mente.

Na verdade, quando se considera a questão do ponto de vista terrestre, da Terra como um todo, vemos que essa grandiosidade desaparece e se torna minúscula, quase desprezível. Vejamos. Dois terços da superfície terrestre são recobertos por água, o que equivale a uma superfície de 375 milhões de km². Toda essa imensidão de água é quase totalmente água salgada, imprópria para o consumo humano. Em porcentagem, 97,5% de água salgada, para apenas 2,5% de água doce. Como a maior superfície terrestre é água, o Planeta possui um albedo grande (albedo é a quantidade de luz refletida pelo planeta para o espaço cósmico), por isso, quando visto de cima, torna-se luminosamente azul inconfundível.

Mas, voltemos à água. Apenas 2,5% de toda essa água é água doce? Apenas isso. E, o mais intrigante é que a maior parte desses 2,5% estão

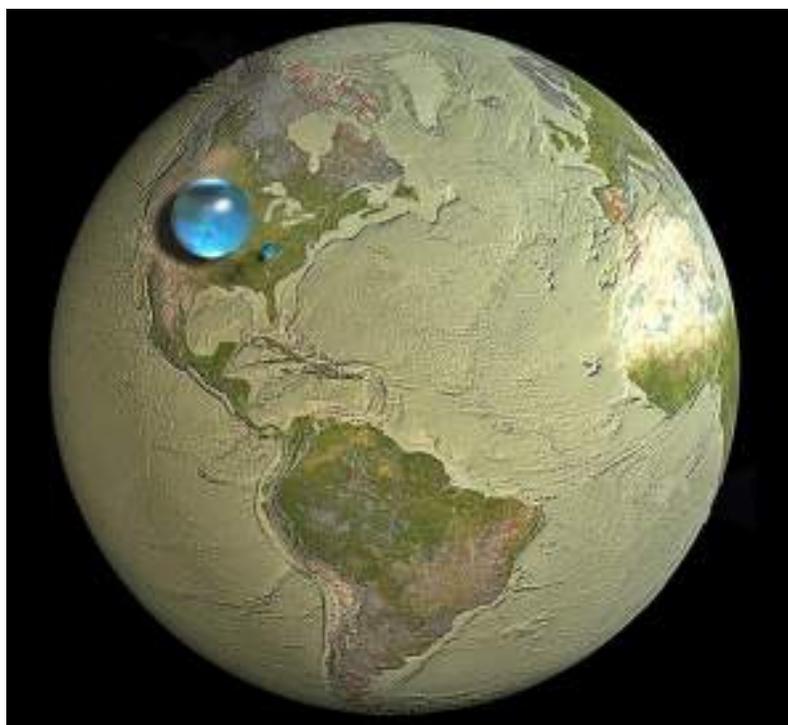


Foto: divulgação / acervo do autor

fora do uso humano (por enquanto). 68,9% desses 2,5% representam a água presa nas geleiras e nos solos congelados (permafrost), não utilizada para consumo humano; 30,8% representam a água no subsolo (água subterrânea) e, o restante, apenas 0,3% representam a soma da água de todos os rios e lagos do mundo.

Aquilo que, em princípio nos parecia imenso, gigantesco, não passa de um volume quase que desprezível em termos planetários.

Para termos uma noção mais precisa do que representa a água doce em relação à salgada e, ambas, em relação à massa da Terra, reproduzimos a figura de Howard Perlman/Woods Hole Oceanogra-



phic Institute: a gota azul maior representa toda a água mundo; a do meio, mostra toda a água doce e , a pequena, o pequeno ponto azul, abaixo, representa a água doce dos rios e lagos somados.

É essa a quantidade de água própria para consumo humano que a Terra tem para nos oferecer. Embora seja uma fatia minúscula da água total, o que dispomos já possui uma boa quantidade desnaturada, imprópria para o consumo humano, fruto das agressões que o progresso humano está impondo. Resta-nos apenas a água subterrânea, aquela água que se infiltrou no solo e foi se acumular lá em baixo, nos minúsculos poros ou fendas das rochas do subsolo. Essa é o tesouro da humanidade, um tesouro que vem sendo dilapidado lenta e continuamente, quer pela exploração excessiva, quer pela sua degradação físico-química e microbiológica.

Nós, daqui de Rio Preto, exploramos parte

desse tesouro através de mais de 4 mil poços semiartesianos que nos fornecem mais de 120 mil metros cúbicos/dia de água própria para o consumo humano. Às vezes, nós a consumimos sem o menor pudor ou respeito, de forma predatória, sem levarmos em consideração que, aqueles que nos sucederão futuramente, também têm direito a este bem natural.

É preciso levar em conta que a quantidade de água da Terra é sempre a mesma, desde os tempos mais remotos do que o tempo dos dinossauros. Porém, enquanto a quantidade de água doce disponível para a humanidade vem diminuindo em razão dos processos de sua degradação, a demanda está crescendo com o crescimento da população humana, o que nos faz pensar seriamente sobre a necessidade de como legar para o futuro volumes satisfatórios desse precioso líquido para a manutenção dos nossos descendentes.



A arte

Sobre Maria Helena Curti

*Rosalie Gallo y Sanches
(Presidente de Honra)*

Cadeira n° 29

Apreciar uma obra de arte não é apenas interiorizar as emoções que ela suscita no espectador. É muito mais. É deixar vazar de nosso mais profundo um néctar suave e divino que nos faz constatar termos, em cada um de nós, a essência do Criador de tudo e de todas as coisas.

Algumas obras despertam, em nós, sentimentos menos nobres, equivalentes a distorções de visões e de caráter; outras, nos levam a acreditar que somos fortes, invencíveis e outras, poucas, é

verdade, fazem aflorar o que temos de mais delicado, de mais singelo, de mais puro. Seja pelo traço ou pelo tema tratado; seja pela cor utilizada ou pela suavidade da mão obreira, estas outras nos elevam, transportando-nos do lugar-comum da vida para um vislumbre do paraíso pessoal.

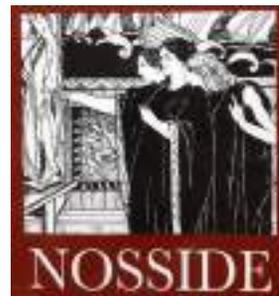
Assim se sente diante de qualquer aquarela de Maria Helena Curti, essa artista despertadora das almas escondidas que carregamos, muitas vezes, insensíveis diante da realidade.



Título: **Maracatu**. Dimensão: 70 X 50cm. Técnica: Aquarela.
Série: Danças Folclóricas Brasileiras. Ano de produção: 2021



Prêmio Mundial de Poesia Nósside



Soares di Rio Preto appartiene alla numerosa schiera di poetesse e poeti che da quasi un ventennio hanno partecipato dal Brasile al Premio Nosside. Essi hanno dato un forte impulso alla crescita costante del Premio Mondiale di Poesia Nosside da Reggio Calabria al mondo, contribuendo a farlo estendere in 37 edizioni in 104 Stati di tutti i continenti in oltre 150 lingue e idiomi. Saluto con piacere la pubblicazione di una sua poesia premiata nel Nosside 2022 nella certezza che la partecipazione della poesia brasiliana sia sempre più presente nel viaggio del Nosside nel mondo.

Pasquale Amato
Presidente Fondatore del Premio

Soares, de Rio Preto, pertence ao numeroso grupo de poetisas e poetas que há quase vinte anos participa do Brasil, no Prêmio Nósside. Deram eles um forte impulso para o crescimento constante do Prêmio Mundial Nósside, de Reggio Calabria para o mundo, contribuindo para sua extensão a 37 edições em 104 nações de todos os continentes, além de 150 línguas e idiomas. Saúdo com prazer a publicação de uma sua poesia premiada no Nósside 2022, na certeza de que a participação da poesia brasileira esteja cada vez mais presente na viagem do Nósside pelo mundo

Pasquale Amato
Presidente Fundador do Prêmio

O **Prêmio Mundial de Poesia Nósside** está na sua 37ª edição. Criado na Itália em 1983 pelo Historiador e Professor Docente Pasquale Amato, tem sua sede na cidade do Príncipe dos Cítricos, o famoso Bergamoto de Reggio Calabria. Aparelhado por uma rede imensa de voluntários, o Prêmio encontra sua representante em nosso país na pessoa da Profa. Rosalie Gallo y Sanches.

Inúmeros prêmios têm sido alcançados pelo Brasil nestes decênios. No que tange à ARLEC podemos citar a própria Rosalie, premiada em 2006 e Secretária para o Brasil desde 2007. Com igual orgulho, os Acadêmicos Vera Márcia Paraboli Mllanes e, neste ano, pela segunda vez, Angelo Soares Neto, com o poema que aqui segue, para deleite literário de todos. Parabéns!

PESTILÊNCIA (Angelo Soares Neto)

O irreal, cansado,
enluta crianças tingidas de desespero.
Tão exaustas que não choram, o lamento
é fadado a repetição do absurdo.
Unhas cravadas na terra em raízes
de longa memória perpetuam gemidos,
tanto querem viver,
tanto sonhar desejos de permanência.
Beber tristeza,
remar no vácuo de não ter sido.
Nas janelas, bombas a arrancar sementes.
A inocência, flor torturada da miséria,
se arrasta em fome, frio, luto, espera.
O palco, oco dividido,
busca personagens em novas
vertigens, aflitos a ensaiar destinos.



Premiações acadêmicas

Rosalie Gallo

Projeto “Cartas ao Imperador”



Foto: divulgação

Criado no Conselho Internacional dos Acadêmicos de Ciências, Letras e Artes pelo Diretor Cultural Alexandre Magno Barbosa dos Santos e com a tutela do Conselho Acadêmico CONINTER, CONBLA e CONCLAB, o Projeto Manuscrito “Cartas ao Imperador” fez parte das festividades relativas ao Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022).

Os manuscritos originais, devida e ricamente encadernados, serão entregues pessoalmente

pelo Presidente da entidade promotora, Alexander Comnène D’Orleans à Casa Imperial, sediada na cidade de São Paulo. Uma cópia em PDF estará disponível no Museu da Independência do Ipiranga, também em São Paulo.

Entre os textos selecionados encontra-se comovedora carta da Acadêmica **Rosalie Gallo y Sanches**, da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, tendo ela recebido Menção Honrosa. Em seguida, o texto selecionado, com cumprimentos.

Pedro, menino querido:

Permita-me tratá-lo de tu, eu que, pela idade avançada, poderia ser uma tua avó.

Começo dizendo que imagino o quanto tenha sido penoso carregares dezoito nomes. Mais que teu extenso nome, porém, deve ter sido um pouco mais penoso carregares toda a História de tua Portugal. E, às vésperas de embarcares em direção a um país para ti desconhecido e selvagem como este tal Brasil!

Nascestes e foste criado no Palácio de Queluz, nos arredores de Lisboa, conhecendo quadros vivos da loucura de tua avó Maria, a rainha louca que, por não conseguir governar o país, deixou-o ao filho João, teu pai. Penso em ti, aos três anos de idade, já sabendo o que significava a morte e assumindo suas consequências como o que te aconteceu com a morte de teu irmão mais velho, a deixar para ti o lugar de primogênito e

herdeiro direto de teu reino. Penso em ti com o peso de mais dois títulos – de Príncipe da Beira e Duque de Bragança – a serem somados aos já tidos. Penso em ti ao chegares ao Brasil.

Aqui, na novíssima Rio de Janeiro, como deves ter-te encantado a luz das manhãs cariocas e os vários verdes da Mata Atlântica como pano de fundo aos teus olhares infantis ansiosos! Aqui te vejo, na terra brasileira, na vastidão do Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista e em meio à natureza, que em nada se assemelhava às incoerentes luzes opacas de Queluz.

Penso em ti, iniciado em carpintaria como o menino Jesus e, como ele, afeito à companhia de animais como os cavalos que tanto amavas à de gentes, motivo de tuas divagações nas monótonas aulas de francês, inglês ou pintura, estranho comportamento de Infante. Vejo-te muito novo a cavalgar, entre cavalariações que tratava como



iguais. Vejo-te adolescente e depois, adulto, amante da música que te facilitou a escorregadia via às ruas viciosas da cidade imperial brasileira.

Vejo-te agora, aos 21 anos, já casado, ciente das manifestações havidas no Porto. Pretendia-se, em tua terra, o fim da monarquia absoluta, temor maior de todos os preceptores de Infantes e Conselheiros de futuros Monarcas. Imagino-te preocupado, em menos de um ano dessa revolução político-liberal, vendo teus pais partirem de volta a Portugal e deixando-te no Brasil, nomeado Príncipe Regente.

Esta história toda, Pedro, pode-se ler nos livros de História.

Hoje, duzentos anos depois de declarada por ti a Independência do Brasil, vejo-te menino de novo, o pobre menino rico que tentou ter vida própria em outro país. Vejo-te rapazote, em busca de aventuras que a idade atrai e a Vida trai. Vejo-te acompanhado por um espírito de escol chamado José Bonifácio de Andrada e Silva, de quem recebeste orientações sobre o futuro da nação que deverias governar. Vejo-te obrigado a amadurecer sem querer para poderes governar, de fato, este país continental de nome Brasil.

Imagino, Pedro, quantas pressões sofreste. Quantas renúncias tiveste de assumir!

Penso-te, por fim, aos 36 anos, no leito de morte e outra vez em Queluz, no mesmo quarto em que nasceste: dono de uma trajetória relâmpago, plena de trovões e raios, tempestades e furacões políticos em um tempo de longevidade para alguns poucos privilegiados e castos religiosos.

Quanto de bom fizeste em tão poucos anos de vida? Atrevo-me a responder que muito. Sem o saberes, sem sequer supores que um dia alguém

como eu, anônima entre milhões, te escreveria uma carta – que hás de ler, por permissão do Criador! - tu viveste para muitos prodígios e benefícios à nação brasileira. Permitiste que meus ancestrais pudessem desembarcar em Santos e trabalhar em outro país, eles também fugidos de sua pátria, mas da fome e da miséria. Deste-me a oportunidade de estudar, de me tornar uma profissional da área de Educação e ensinar, à época, aos que sabiam menos que eu o pouco de eu mesma sabia, a influenciar jovens a serem pessoas de bem.

Deste-me a emoção de um dia, na mesma Santos, parada com uma amiga querida e diante do casarão onde nasceu e viveu teu amigo José Bonifácio, poder me lembrar de tantos fatos históricos dos quais foste um protagonista de valor para a História do Brasil, pequeno país nascente diante da grandiosa História de tua Portugal.

Deste-me a alma brasileira que sabe ser reconhecida a valores cívicos transmitidos pela família e pela escola e deste-me a coragem de chorar quando canto o Hino Nacional Brasileiro, onde quer que eu esteja.

Deste-me a alegria de me sentar, no Chiado, e tomar café ao lado dos múltiplos Pessoas encarnados em uma única representação, estátua à espera de companhia.

Por tudo, pequeno grande menino Pedro, por tudo o que fizeste e não vi, não soube, não me foi contado e não posso mais saber, devo te agradecer. Bem vindo sejas sempre à minha casa. Não é portuguesa, mas é tua, pois, com certeza!

Com eterna gratidão, admiração e respeito ao menino sonhador que soube gritar por todo o meu país,

Rosalie



Premiações acadêmicas

Lézio Júnior

“Muito feliz com o Prêmio na **Segunda Bienal Internacional de Caricatura “Niko Nikola”**, no Palácio do Congresso Tirana, na Albânia.

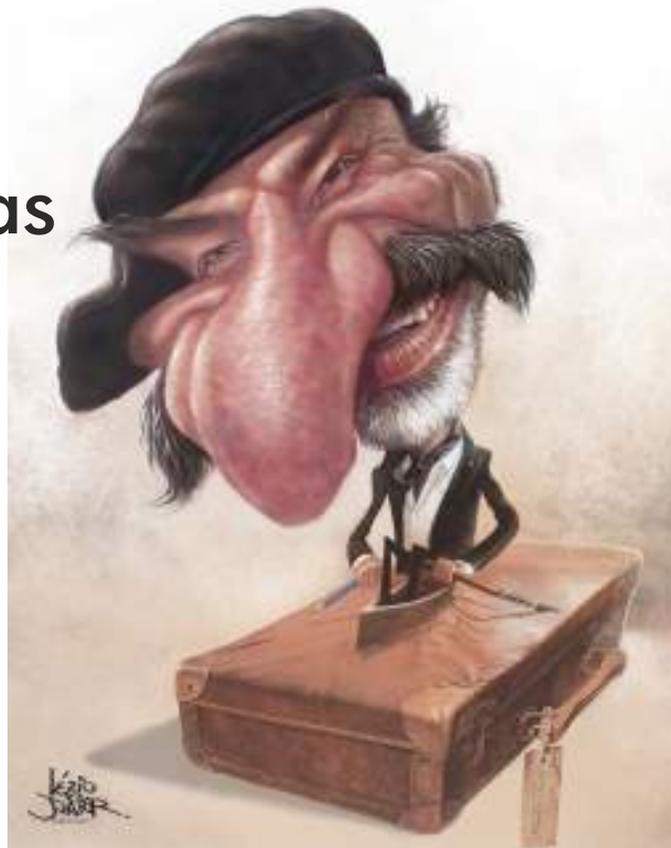
Agradeço a Deus por minha caricatura ter sido premiada em terceiro lugar, concurso dedicado ao Mestre Agim Sulaj, um grande artista.

Parabéns à organizadora Flora N. Nikola pela perfeita organização do evento”

“Muito feliz com o prêmio no **14º Salão de Humor Humana Saúde 2022**. Agradeço a DEUS por minha caricatura ter sido premiada em primeiro lugar. Parabéns aos organizadores especialmente ao cartunista Jota A. Costa pela perfeita organização do evento”.

Com esta palavras o Acadêmico **Lézio Júnior**, cadeira 32 da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura manifestou-se ao saber dos resultados dos prestigiosos prêmios.

Parabéns ao confrade!





Eudes Quintino

A Associação Paulista do Ministério Público, órgão que abriga os promotores e procuradores de justiça da ativa e aposentados, anualmente realiza o Concurso Literário nas modalidades de fotografia, poesia, crônica e conto, com a participação exclusiva dos associados. Os trabalhos são encaminhados para uma banca especializada, que se encarregará de apontar os vencedores e identificá-los posteriormente pelo pseudônimo escolhido. O Acadêmico **Eudes Quintino de Oliveira Junior**, vencedor já em cinco concursos em primeiro lugar, teve sua poesia *Quisera ser poeta*, classificada em segundo lugar no XIV certame.

Receberá, por sua classificação, troféu e prêmio em dinheiro.
Parabéns ao nobre Acadêmico!

Quisera ser poeta

Quisera ser poeta,
para buscar a palavra certa,
a correta expressão,
do canto, do sonho, da alegoria,
trazer o passado na algibeira,
e o futuro na artificial inteligência.
Sair à cata de um tema,
quebrar paradigmas,
ser um incauto arauto,
ou um predestinado profeta,
para inebriar os amantes,
no reino do faz de conta,
para ouvir estrelas,
arder como fogo,
na tocha de esperança.

Quisera ser poeta
para escrever coisas belas,
com frases abundantes,
sem pechas e quimeras,
alinhar coração e alma,
para seguir de mãos dadas,
homem múltiplo,
ator pluralista,

no exercício camaleônico.
Obter a licença poética,
a um só coro,
para afastar Eros,
amor egocêntrico,
e buscar Ágape,
amor perdão.

Quisera ser poeta,
para colocar a palavra na dança,
dar rodopios de realeza,
sair em busca da imaginação,

sem regras, sem freios,
soltar as rédeas do coração,
buscar os sonhos e planos,
viajar por todo o universo.
Em cada porto um conforto,
pisar o oráculo do arrabalde,
e descansar,
definitivamente,
no ponto final,
nos braços da silenciosa musa,
com bravo, bravíssimo coberto.



Artigo

Jornalismo sério

João Roberto Saes
Presidente - Cadeira 45

Todas as atividades profissionais, desde as mais simples às mais especializadas, são muito importantes no mundo atual. Muitas delas, inclusive, estão desaparecendo de maneira muito rápida, com o desenvolvimento de novas e modernas tecnologias. Precisaríamos de um espaço enorme para avaliar adequadamente a importância dessas atividades profissionais.

No momento político que vive o país e, de algum tempo para cá, temos observado de forma extremamente preocupante uma verdadeira perseguição injusta aos profissionais da imprensa, por divulgarem notícias que geralmente desagradam a este ou aquele partido político ou alguma corrente de pensamento.

Tenho acompanhado de perto as verdadeiras agressões verbais contra jornais, revistas, emissoras de rádio e TV, com citações incredivelmente agressivas endereçadas aos profissionais que, a meu ver, desempenham uma atividade de essencial importância para a comunidade, seja buscando a verdade dos fatos ou, até mesmo,

emitindo opiniões que, invariavelmente, desagradam uns ou outros.

O jornalismo profissional tem fundamental importância em uma sociedade evoluída, que necessita de informações corretas e precisas, para viver ou para desenvolver suas atividades profissionais, ou mesmo posicionar-se diante das mais variadas circunstâncias da vida. Em razão disso, a busca pela verdade não é privilégio apenas dos profissionais da imprensa, mas, no final das contas, tem que ser o objetivo de todos nós.

Vale a pena observar as notícias com senso crítico, claro, mas de forma a lhes conferir a legitimidade. Nos bons cursos de jornalismo em geral, existe a preocupação de formar profissionais capacitados e corajosos, que possam buscar sempre a verdade, inclusive com a oitiva de todos os diretamente envolvidos com os fatos noticiados.

Criticar o trabalho jornalístico é, na verdade, uma vã tentativa de não se envolver com os fatos que ocorrem no dia-a-dia das pessoas, e que podem ter consequências irreparáveis no futuro.





Ponto Final

CONSELHO EDITORIAL

Em todas as línguas modernas, ao se tratar da escrita, sabe-se que o ponto final representa, na verdade, uma pausa funcional mais longa no processo da fala para propiciar ao falante maior tempo de respiração (o ar é vital, na fala!), para indicar ao leitor que ali é assinalada um “descanso” entre ideias e, finalmente, separar formalmente um bloco de pensamentos expressos.

Diz-se que se porá um “ponto final” em uma relação amorosa, em um assunto amplamente discutido e até em uma dieta. É possível, portanto, usar o ponto final em todas as situações de conflito ou que necessite simplesmente de alguma alteração de percurso. Assim, sucedeu, em outubro de 2022, no seio da ARLEC (nossa Academia Rio-pretense de Letras e Cultura), a necessidade legal de ter sua gestão renovada. O ponto final tem, aqui, além destas funções enumeradas, um outro papel importantíssimo que beira o simbolismo da substituição.

Tivemos, nos últimos três anos, uma diretoria sob a presidência de Dr. Alberto Gabriel Bianchi que, como outros líderes em todos os setores, enfrentou bravamente uma crise mundial imposta pela COVID-19. No interno de nossa entidade pouquíssimo podia ser realizado de forma presencial e alternativas foram intentadas para que o marasmo não se estabelecesse entre os Aca-

dêmicos. Escreveu-se muito, produziu-se muita Arte e fomos constrangidos a aprender – alguns de nós em idade madura – a lidar com modernidades tecnológicas. Nosso ar precisou de filtro constante à boca e nariz para que pudéssemos nos salvar do vírus.

Em meio a estas dificuldades a Vida prosseguia seu curso e a Arlec esteve incluída neste processo. A gestão em andamento precisava cumprir sua missão e o fez com galhardia. Outubro de 2022 chegou, novas eleições aconteceram e a presidência foi substituída. Sai o Presidente Bianchi, entra o Presidente Saes.

O ponto final aqui, entretanto, revela apenas o fim de um mandato legal. Todos, membros eleitos da gestão agora anterior e membros da gestão atual carregam em si, sem exceção, o espírito de cooperação em benefício da sobrevivência da entidade. O personalismo desaparece para que o coletivo sobreviva dignamente. Não se prevê ruptura de trabalho nem de produção. Inicia-se, pelo contrário, um período auspicioso por ser 2023 um ano de comemoração arlequina: aniversário de 15 anos.

É com este espírito de equipe vencedora que o ponto final aparece. Muda o líder formal, legal, mas não se alteram as forças de uma entidade que nasceu para trabalhar em prol da difusão da Cultura. Assim, “Rei morto, rei posto. Viva o Rei!”

Relação de integrantes da ARLEC (julho/2021)

Em negrito: patronos atuais. Os demais: ocupantes de cadeiras cujos patronos faleceram.

1. **Romildo Sant'Anna**
2. Patrícia Reis Buzzini (Patrono: Alfredo Leme Coelho de Carvalho)
3. **Agostinho Brandi**
4. **Araguaí Garcia**
5. **Samir Felício Barcha**
6. **Cecília Demian**
7. **Salvatore D'Onofrio**
8. **Lelé Arantes**
9. **Wilson Daher**
10. **Maria Helena Curti**
11. Elma Eneida Bassan Mendes (Patrono: Domingo Marcolino Braile)
12. **Jocelino Soares**
13. Cleber Junio Falquete (Patrono: Zêqui Elias)
14. Norma Vilar (Patrono: Antonio do Nascimento Portela)
15. Pérsio Marconi (Patrono: Edson Vicente Baffi)
16. **Luiz Dino Vizotto**
17. **Dulce Maria Pereira**
18. **vaga**
19. Loreni Fernandes Gutierrez (Patrono: Alexandre Caballero)
20. Aguinaldo Gonçalves (Patrono: Guillermo de la Cruz Coronado)
21. **vaga**
22. **Waldner Lui**
23. Ângelo Soares (Patrono: Jayme Signorini)
24. **vaga**
25. **vaga**
26. Eudes Quintino de Oliveira Júnior (Patrono: Adib Abdo Muanis)
27. **Antonio Manoel Santos Silva**
28. **José Luiz Balthazar Jacob**
29. **Rosalie Gallo y Sanches**
30. **Humberto Sinibaldi Netto**
31. **Hygia Therezinha Calmon Ferreira**
32. **Lézio Júnior**
33. **Paulo César Naoum**
34. **Vera Márcia Paráboli Mllanese**
35. **vaga**
36. Nídia Puig Vacare Tezine (Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazone)
37. **vaga**
38. **Paulo de Tarso**
39. **Araceli Chacon Sobrinha**
40. **Sônia Oliani**
41. Toufic Anbar Neto (Patrono: Antonio Carlos Del Nero)
42. **Antonio Florido**
43. **Paulo Coelho Saraiva**
44. **Alberto Gabriel Bianchi**
45. **João Roberto Saes**

Aponte a câmera ao QRCode e leia a sua Kapiiuara predileta!



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME

Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

